



IX CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

Portugal, território de territórios

ÁREA TEMÁTICA: Classes, Desigualdades e Políticas Públicas [ST]

AS CONDIÇÕES E OS SIGNIFICADOS DO TRABALHO DE JOVENS MULHERES NA PRODUÇÃO INFORMAL DE ROUPAS: UM ESTUDO DE CASO NO INTERIOR DO NORDESTE BRASILEIRO

SOUSA, Darcon, Doutor em Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil,
darconsousa@gmail.com

Resumo

No Brasil, o setor industrial de confecções comporta uma grande heterogeneidade no que diz respeito ao porte das empresas e à variedade de produtos oferecidos ao mercado. Em várias regiões se consolidaram centros produtivos que formam espaços socioeconômicos dinâmicos, constituídos em objetos de estudo para diversas perspectivas teóricas. Fora dos polos regionais, sobrevivem micro empreendimentos que são alternativas de ganhos para jovens sem acesso ao emprego formal quase inexistente nessas áreas que estão distantes dos fluxos de capitais que se conectam aos mercados. Em muitas cidades pequenas, a fabricação de roupas envolve atores sociais em um circuito informal mobilizado a partir de pequenos investimentos e caracterizado pelo trabalho precário. Em um pequeno município da região nordeste do Brasil, onde vivem 4.000 pessoas, atividades de produção de roupas de uso em praias foram fomentadas, desde quando iniciativas de alguns indivíduos mobilizaram uma força de trabalho jovem para produzir e vender esses produtos de maneira informal e clandestina. Neste trabalho, está relatada a dinâmica socioeconômica dessa produção, com ênfase nas relações sociais e de produção, desenvolvidas entre pequenos proprietários, trabalhadores do sexo feminino e vendedores que escoam a produção no litoral nordestino. Os resultados da pesquisa ressaltam as condições de trabalho precárias na produção estudada e a busca de atores sociais por emancipação econômica em um contexto de limitações, o que não impediu o surgimento de iniciativas que geraram lucros e rendas, ainda que à margem da regulação dos mercados formais.

Abstract

In Brazil, the industrial sector of clothing involves a great heterogeneity with regard to the size of companies and the variety of products offered to the market. In several regions were consolidated production centers that form dynamic socioeconomic spaces, incorporated in objects of study for various theoretical perspectives. Outside the regional centers survive micro enterprises that are alternative gains for young people without access to almost non-existent formal employment in those areas that are distant from the capital flows that connect to markets. In many small towns garment production involves social actors in an informal circuit mobilized from small investments and characterized by precarious work. In a small town in northeastern Brazil, home to 4,000 people, a use of clothing on beaches production circuit has been created since when initiatives of individuals mobilized a young workforce to produce and sell these products in an informal and clandestine way. In this work, it is reported to socioeconomic dynamics of this production, with an emphasis on social relations and production, developed between smallholders, female workers and sellers draining production in the northeastern coast. The survey results highlight the poor working conditions in the studied production and the pursuit of social actors for economic emancipation in the context of limitations, which did not prevent the emergence of initiatives that generated profits and rents, although the margin of market regulation formal.

Palavras-chave: Emancipação Econômica; Relações Sociais; Pobreza

Keywords Economic emancipation; Social relationships; Poverty

[COM0320]

1.Introdução

O desenvolvimento econômico brasileiro está marcado por uma flagrante desigualdade de renda que ocorre entre as classes sociais e entre os espaços geográficos. Para o sul e sudeste do país foram canalizados os investimentos privados que criaram grandes indústrias e absorveram expressivos contingentes de mão de obra, conformando um padrão de urbanização que também se caracteriza por uma concentração demográfica causada pelo fluxo de migrantes que procuraram as regiões mais desenvolvidas para a conquista de trabalho e de emancipação econômica. Nesses grandes centros urbanos estão abrigados os setores industriais que alavancam a produção nacional.

Entretanto, em alguns segmentos como o de confecções, pequenas cidades consolidaram uma produção dinâmica que atraiu investimentos e foi favorecida pela oferta abundante de uma mão de obra de baixo custo. Intensiva em ocupação da força de trabalho, a fabricação de confecções se constituiu em alternativa de desenvolvimento local apoiada por governos interessados em estimular a geração de emprego e de renda. Para tanto, diversos governos oferecem tratamento diferenciado para empresas se instalarem em áreas que, distantes do sul e sudeste, se afirmaram como *clusters* produtivos, a exemplo dos municípios de Caruaru, Santa Cruz do Capiberibe e Toritama, localizadas no interior de Pernambuco, Estado do nordeste brasileiro.

Além disso, em muitos municípios, iniciativas isoladas inspiraram o crescimento da fabricação de roupas, sob a forma de subcontratação e terceirização, configurando relações de produção cujas motivações vão desde a simples sobrevivência até a aspiração por emancipação. Neste sentido, o presente trabalho descreve a dinâmica sócioeconômica desse tipo de atividade econômica num pequeno município do Nordeste. O foco da análise é a produção informal de roupas conhecidas como “saídas de banho”, o que envolve micro empreendedores, trabalhadoras jovens e vendedores temporários do sexo masculino. A pesquisa adotou a perspectiva teórica da Sociologia Econômica, privilegiando os sentidos atribuídos pelos sujeitos à sua condição e a identificação das determinações que estão por trás da estrutura econômica investigada.

A pesquisa de campo foi realizada entre os meses de Janeiro e Março de 2015, período no qual foram aplicados 11 (onze) questionários com costureiras que compõem a força de trabalho de uma das organizações produtivas, além de 03 (três) entrevistas com pequenos proprietários e 01 (uma) com um vendedor ambulante. As condições de trabalhos de jovens mulheres costureiras e os significados que elas atribuem à atividade que executam, além dos motivos que impulsionaram a ação dos agentes econômicos são o objeto de análise. A observação não participante permitiu o registro iconográfico das atividades estudadas e a compreensão das dinâmicas que as conformavam. Dessa maneira, a pesquisa pode ser definida como de natureza qualitativa e descritiva, constituindo-se em um estudo de caso.

2.Os fenômenos sociais das relações de produção capitalistas

Na análise de Marx (*apud* Oliveira e Quintaneiro, 2002) sobre a sociedade, para se reproduzirem, os homens interagem com outros no objetivo de criar seus meios de vida, conformando relações sociais por intermédio do trabalho, atividade a partir da qual a história se move. Nesse processo, a natureza das forças produtivas expressam as formas pelas quais os homens obtêm os bens de que necessitam em relações sociais que determinam a produção, assim como a divisão social do trabalho em determinado momento histórico. Nas sociedades estruturadas em classes sociais, o excedente de produção leva à apropriação privada dos meios de produção – o que significa que o acesso a esses meios de produção e ao que é produzido ocorre de modo desigual entre distintos grupos sociais -, fazendo com que as relações sociais de produção atenda a interesses particulares e resultem em segmentação e desigualdade sociais.

No processo de produção capitalista, o trabalho excedente do trabalhador é o fator que gera acumulação de riqueza. A exploração da força de trabalho disponível no mercado, tal como outra mercadoria, causa estranhamento entre o trabalhador e sua produção. Sem controle sobre o seu próprio trabalho, o trabalhador alienado precisa sobreviver e se submete ao controle de outros. Como explicou Oliveira e Quintaneiro

(2002,54): “Marx considera que o trabalhador não se sente feliz, mortifica o corpo e arruína seu espírito no trabalho que é obrigado a fazer, que é externo a ele. E se não existisse coação ele fugiria do trabalho como da peste.” A coação maior é a necessidade de manter-se vivo:

O salário serve para conservar o trabalhador como qualquer outro instrumento produtivo. Esta é uma visão estreita do que são as necessidades humanas que contemplam também a beleza, a paixão, o espírito e a sociedade mesma, os demais seres humanos. Mas enquanto existir a propriedade privada dos meios de produção, as necessidades dos homens resumem-se ao dinheiro, e as novas necessidades criadas servirão para obriga-los a maiores sacrifícios (Oliveira e Quintaneiro, 2002, p.53)

Quando traçou as perspectivas de transformação desse modelo econômico, a teoria marxiana identificou nos operários a única classe capaz de instaurar uma nova ordem social sem posse privada dos meios de produção. Já as camadas médias – formadas por pequenos comerciantes, pequenos industriais, artesãos e camponeses – estariam preocupadas em não caírem em ruína, o que poderia fazer com que provisoriamente lutassem contra a burguesia. Além do papel exercido por essas frações de classe, Marx *apud* Oliveira e Quintaneiro (2002), considerou a existência do “lumpemproletariado” que, excluído do processo produtivo, não seria protagonista da revolução. Para Santos (2008), Marx acreditava que a ordem capitalista também se desmancharia, assim como aconteceu com o feudalismo. A “lei de ferro das relações de produção capitalista” seria superada pelo movimento operário.

Já Bourdieu (2010), criticou o que para ele seria as insuficiências da teoria de classes que reduziria o mundo social ao mundo econômico. Para esse autor, as posições sociais não podem estar referenciadas apenas nas relações de produção econômica e a dinâmica do espaço social não se restringe à oposição entre operários e burgueses. Haveria outras oposições no campo social, sobretudo nas relações de produção cultural, que não são determinadas exclusivamente pelo campo da produção econômica.

Na realidade, o espaço social é um espaço multidimensional, conjunto aberto de campos relativamente autônomos, quer dizer, subordinados quanto ao seu funcionamento e às suas transformações, de modo mais ou menos firme e mais ou menos direto ao campo da produção econômica: no interior de cada um dos subespaços, os ocupantes das posições dominantes e os ocupantes das posições dominadas estão ininterruptamente envolvidos em lutas de diferentes formas, sem por isso se constituírem necessariamente em grupos antagonistas. (Bourdieu, 2010, p.153).

A Sociologia de Weber (1994) procura compreender pela interpretação, os sentidos das ações dos indivíduos, desenvolvidas em relação a outros, configurando uma teia de relações sociais. As ações dos indivíduos são, portanto, portadoras de significação e, como tal, capazes de explicar a vida social. Os indivíduos, segundo esse autor, agem em busca de objetivos, empregando diversas racionalidades no curso de uma ação. Todavia, na engrenagem das relações sociais, processos seletivos elegem determinados atributos e qualidades pessoais (força física, astúcia, desempenho intelectual, disciplina, criatividade, adaptabilidade, entre outros) definidoras de vantagens para os seus possuidores que, em situação de concorrência, têm maior probabilidade de êxito.

Para esse êxito, apesar de ressaltar as margens de manobra que o indivíduo possui, o pensamento weberiano não ignorou os fatores estruturais limitantes do progresso individual. Na visão de Weber (1994), a sociedade é estratificada pelo controle dos meios de produção e pelas chances de dispor dos bens. Classe trabalhadora, pequena burguesia, *intelligentsia*, assim como possuidores de bens de produção e privilegiados pela educação, disputam espaços na hierarquia social.

De toda forma, o foco do sistema weberiano está em captar o sentido de uma ação, relação ou atividade, buscado subjetivamente por indivíduos, os quais impregnam os seus comportamentos de significações que podem ser compreendidas e úteis à interpretações capazes de explicar a realidade. O método weberiano de investigação da sociedade em geral, aplica-se à compreensão da economia em particular. A premissa para se estudar os processos econômicos é a de que os fatos e as relações sociais desencadeadas por indivíduos

explicam o funcionamento da economia. Para a Sociologia econômica weberiana, nas palavras de Freund (1987, p.113):

A economia é uma relação social desde que os participantes orientem seu comportamento segundo um sentido visado subjetivamente com vistas a satisfazerem às necessidades ou se entregarem a um trabalho que lhes permita adquirir os bens necessários.

Estes termos são suficientes para expressar o foco da compreensão sociológica dos fatos econômicos, conformando o campo da Sociologia Econômica, assim explicado por Freund (1987, p.114): “Um fenômeno interessa à Sociologia Econômica, se e até quando a curiosidade, determinada pela relação com os valores, se dirigir unicamente à influência que ele exerce ou continua a exercer na existência material”. Neste sentido, Weber (1994) explicou como ocorre a satisfação de necessidades numa economia de troca, identificando os estímulos que movem as ações econômicas nesse sistema (ver figura 1). Nele, os trabalhadores, impelidos pela necessidade de obterem o sustento próprio e de comprarem os bens de consumo, estão submetidos aos que possuem os bens de capital, cuja motivação baseia-se na ambição por obtenção de rendas e na conquista do trabalho privilegiado. Um terceiro grupo de estímulos move os que, não possuindo propriedades ou bens de capital, aproveitam as oportunidades lucrativas para a aquisição de bens e para alcançarem autonomia, emancipação e distinção.

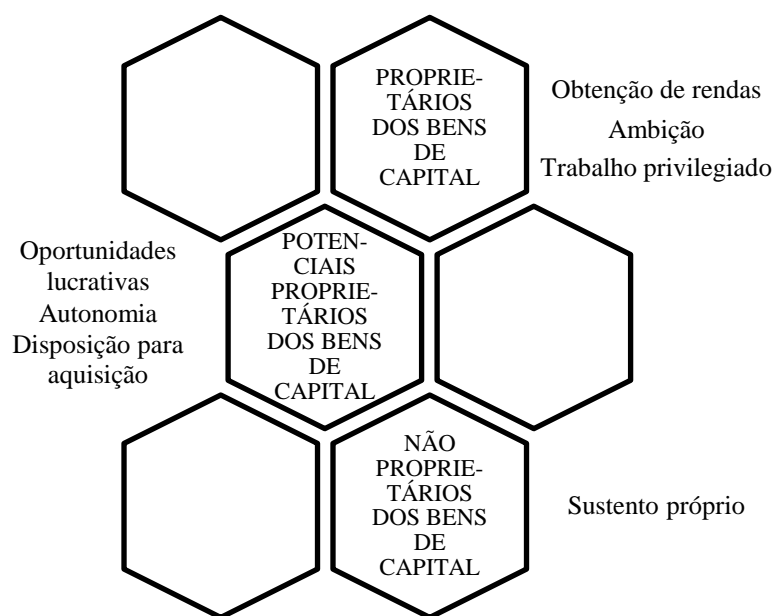


Figura 1 - Estímulos para ações econômicas no mercado. Weber, 2004

Sendo assim, Weber (1994 ,p.70), para afirmar os informes sociais que acompanham os fatos econômicos, escreveu: “[...] a economia de troca é o tipo mais importante de todas as ações sociais típicas e universais que se orientam por situações de interesses.” Dessa afirmação, depreende-se que não há explicação de um fenômeno econômico que prescindia da observação dos comportamentos sociais que o acompanham.

Neste sentido, Weber (*apud* STEINER, 2006), sugere três direções de cunho sociológico para o estudo dos fatos econômicos: 1) a análise da estrutura das relações socioeconômicos presentes nos fenômenos; 2) a análise da formação histórica dessas relações; 3) a análise de sua significação cultural. Nestas vertentes de análise, estariam as dimensões analítica, histórica e cognitiva da Sociologia Econômica contemporânea,

cujos fatores de análise colocam em relevo as diferenças entre esse campo e a teoria econômica, destacando o papel das mediações sociais na economia, conforme ilustrado na figura 2.

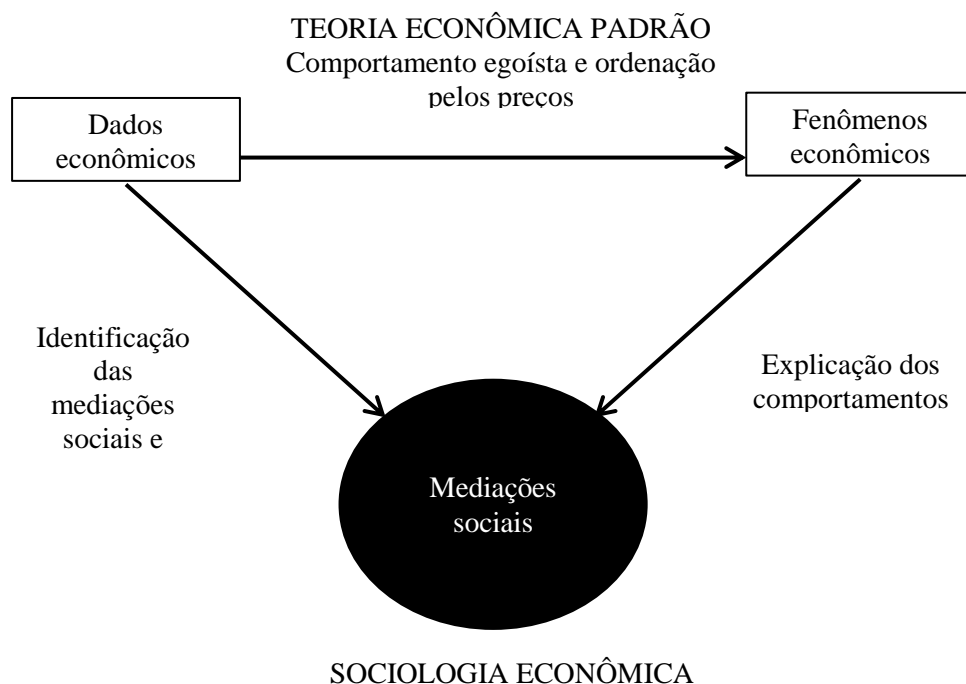


Figura 2 – Sociologia econômica e teoria econômica. Steiner, 2006

Já no relato histórico de Thompson (2010) sobre as repercussões do capitalismo industrial na construção de uma nova ética do trabalho, é possível aplicar as diversas perspectivas sociológicas aqui mencionadas às relações de produção entre capital e trabalho. Ao mesmo tempo em que o capital busca intensificar a exploração da força de trabalho com o flagrante antagonismo disso decorrente, as resistências dos trabalhadores se afirmam sob diferentes formas, explicitando que ao poder do capital se contraporiam contestações e lutas. Por outro lado, desde a instituição das formas de produção próprias do capitalismo, elementos culturais estiveram presentes para gerar persuasão e consenso em torno dos valores exigidos pela ordem burguesa. De toda forma, se confirma a ideia segundo a qual, para serem explicados, os fatos econômicos precisam ser analisados à luz dos comportamentos e mediações que lhe emprestam significado, tarefa inerente ao campo da Sociologia, exercitada na seção seguinte que trata do fragmento empírico deste trabalho.

3.A sociologia da produção informal de roupas: dinâmicas, atores e sentidos

A produção de roupas no município envolve cerca de trezentas pessoas e, baseada na tipologia de Weber (2004), ver figura 3, poderia ser representada num modelo em que atuam proprietários dos bens de capital, potenciais proprietários e não proprietários. Tudo começou há 15 anos, quando ⁱⁱo pedreiro Manoel, durante momentos de lazer em uma das praias do litoral nordestino, observou a intensa venda de mercadorias entre os banhistas, principalmente de roupas para “saída do banho.” Segundo contou, ali ocorreu-lhe a ideia de iniciar um negócio a partir de pequenas economias. Manoel comprou tecidos em Santa Cruz do Capibaribe - cidade já consolidada como polo de confecções no Brasil e distante cerca de duzentos quilômetros –, improvisou

instalações no espaço de sua residência e convidou uma costureira da zona rural para reunir jovens mulheres da cidade dispostas a trabalhar na produção das peças. Desde então, Manoel se concentrou em realizar as compras das matérias-primas e em contratar as costureiras ao preço de R\$ 0,20 (vinte centavos de Real) por peça, valor que, tomando-se em conta a produção média das costureiras (100 peças por dia), representa um ganho mensal de ½ salário mínimo, ou seja, R\$ 400,00 (Quatrocentos reais).

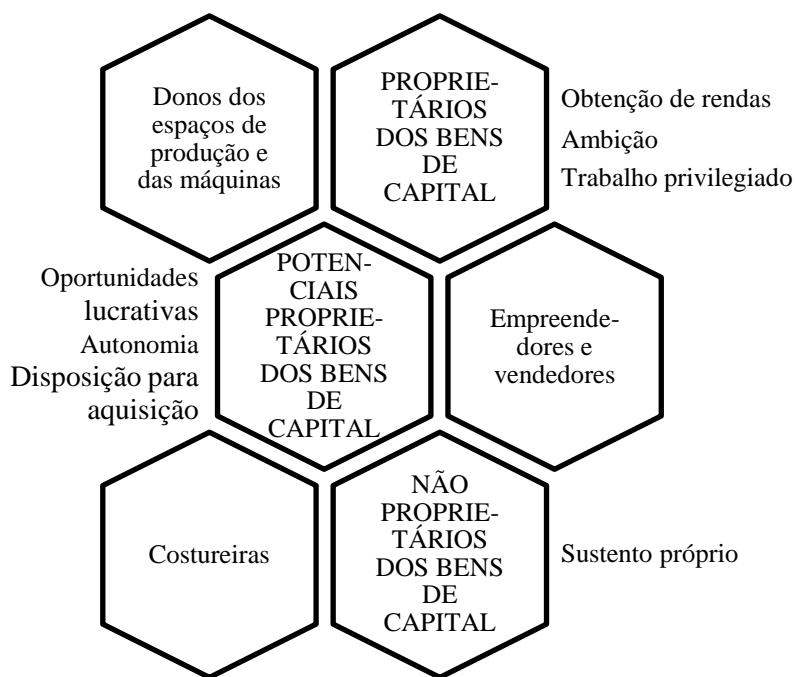


Figura 3 - Atores e estímulos para participação na economia informal do município. Pesquisa de campo, 2015.

Atualmente, além das suas próprias instalações, onde trabalham as costureiras sob a supervisão da costureira responsável, Manoel estabeleceu parcerias com outros pequenos proprietários de imóveis e costureiras locais experientes, ampliando a produção das “saídas de banho” para diversos pontos da cidade, utilizando o mesmo sistema. Ele compra os tecidos e os fornece a intermediários – geralmente donos de galpões que adquirem máquinas para produzir sob encomenda - remunerando-os por peça fabricada. Nesse caso, os intermediários também pagam às costureiras por peça e auferem rendimentos que resultam da sobre exploração do trabalho delas. Manoel tornou-se o típico proprietário dos meios de produção que auferem rendas superiores, o que lhe permite distinção social e lhe propicia um padrão de consumo superior em relação ao nível dos cidadãos do município.

Já as condições de vida e de trabalho das costureiras são diferentes. Por ocasião da pesquisa de campo, os dados coletados em um dos espaços onde funciona a produção das “saídas de banho” (Imagem 1), indicam que a idade média das costureiras é de 22 anos de idade. As solteiras representam 63,6% e 81,8% possuíam o ensino médio completo. A amostra consultada demonstra ainda que 64% das costureiras nunca tiveram qualquer emprego antes da costura e que 82% trabalhavam nessa atividade há mais de 3 anos. Como a atividade é sazonal (o pico de produção ocorre durante o verão) e não oferece vínculo formal, 55% exercem atividades domésticas quando não há produção. Entre as demais, algumas voltam para a agricultura e outras realizam trabalhos esporádicos. Como já mencionado, a renda média dessas trabalhadoras com a costura é de meio ⁱⁱⁱsalário mínimo para uma jornada de trabalho de 44 (quarenta e quatro horas semanais) e produção média diária de 100 (cem peças).



Imagem 1 – Espaço de produção das saídas de banho. Pesquisa de campo, 2015

Nos espaços de produção, a estrutura e o ambiente físico são precários e marcados pelo improvisado na organização de materiais. O trabalho intenso evidencia o processo de exploração de uma força de trabalho que, sem alternativas de emprego num contexto de baixo dinamismo econômico, submete-se à subremuneração de um trabalho sem qualquer proteção ou estabilidade. Como demonstram os dados da pesquisa, a grande maioria dessas jovens mulheres possui instrução formal adequada para o exercício de atividades que exigem maior esforço mental, diferentemente da repetição e do esforço físico típicos da costura. Para as jovens casadas, a jornada de trabalho é dupla, já que também são responsáveis pelos afazeres domésticos. Entretanto, sabedoras dos limites a que estão sujeitas, essas trabalhadoras expressam resignação com o trabalho que lhes possibilita uma sobrevivência menos restritiva do que os demais cidadãos do município, como se percebe em suas declarações (ver quadro 1). Tendo apenas a sua força de trabalho para vender, as costureiras trabalham apenas para manter seu sustento próprio.

| | |
|---|--|
| A | Sempre tive vontade de aprender, pois é gratificante pegar uma peça e modelá-la da forma a um simples pedaço de tecido e também para aumentar minha renda. |
| B | O meu sustento e também uma forma de passar o tempo. Foi o único que consegui por enquanto, já que tenho apenas o ensino médio |
| C | O meio de produzir empregos para a população pouco desenvolvida. Resolvi por necessidades financeira, porque é bom. |
| D | Representa experiência. Necessidade de uma renda a mais. |
| E | Não é muito bom, cansa demais. Comecei a trabalhar pela precisão, pois ainda não tenho formação, por enquanto. |
| F | Uma atividade, uma experiência, uma ocupação e um dinheiro extra, necessidade. |
| G | Representa uma grande experiência, gosto do que faço, mais comecei costurar só por curiosidade e melhorar minha renda. Daí acabei gostando. |
| H | Uma ocupação e uma renda a mais. |
| I | Atualmente é uma ocupação durante as férias pois não gosto de ficar em casa. É uma renda extra pra gastar no carnaval. |
| J | Uma ocupação, uma ajuda financeira porque não tem outras opções. |
| L | Um meio de vida. Resolvi costurar porque foi a primeira oportunidade que surgiu. |

Quadro 1 – Significados do trabalho para as costureiras. Pesquisa de campo, 2014

Além de Manoel, outros pequenos investidores compram as matérias primas para operar da mesma maneira na busca por emancipação econômica. Ao se observar o modelo de Weber (2004), identifica-se neles os empreendedores que procuram oportunidades lucrativas e aquisitivas para conseguirem autonomia. Enfrentando os riscos de viagens por estradas onde não existe fiscalização, esses empreendedores dispõem recursos e energias na esperança de ascenderem socialmente. No entanto, o êxito dos pioneiros não está ao alcance de todos. Os custos do transporte das mercadorias e as necessidades de capital para movimentar o ciclo de produção frustram as expectativas dos que não possuem os recursos suficientes para esperar pelos lucros futuros. Por isso, histórias de fracasso são relatadas por pessoas como as de Joaquim, que depois das tentativas frustradas de se transformar num empreendedor da produção de roupas, tal como Manoel, tornou-se funcionário público temporário. Os prejuízos e as dificuldades enfrentadas o fizeram transportar-se do sonho liberal para a realidade de servidor da prefeitura local, uma das poucas chances de se obter trabalho remunerado no município.

Neste sentido, o baixo desenvolvimento local se constitui na razão pela qual o poder público tolera as atividades informais e clandestinas da produção de saídas de banho. Nenhum imposto é recolhido e nenhum direito é pago aos trabalhadores. Todavia, um acordo tácito parece existir para que a atividade produtiva seja preservada sem qualquer incômodo. Além de operar às margens das obrigações tributárias e trabalhistas na etapa de produção, no mercado onde a produção é vendida, fugir da fiscalização é uma preocupação constante. A faixa litorânea de três estados nordestinos (Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco) constitui-se no mercado consumidor dos produtos destinados ao público feminino (Imagem 2). Nesse caso, a força de trabalho de baixo custo de jovens mulheres permite a extração de lucros por parte dos que controlam a produção das “saídas de banho”, ao mesmo tempo em que torna atrativos os preços desses produtos para outras mulheres que deles se utilizam durante o lazer ou tempo livre.



Imagem 2 – Mercados destinatários dos produtos, <https://www.google.com.br/search>, 2015

Outro trabalhador fundamental para o negócio das “saídas de banho” é o vendedor (Imagem 3). Os maiores empreendedores do negócio no município chegam a mobilizar até 30 (trinta) vendedores durante a alta temporada (entre 4 e 5 meses de verão) para escoar a produção nas principais praias dos três estados nordestinos já citados. Esses trabalhadores são recrutados nos municípios e levam consigo entre 80 e 90 peças para serem vendidas. Ainda de madrugada, transportes coletivos dos donos das mercadorias são utilizados para distribuir os vendedores ao longo das praias para, locais onde os produtos são vendidos ao preço médio de R\$ 10,00 (dez Reais), sobre o qual esses vendedores recebem uma comissão de R\$ 1,00 (hum Real).



Imagem 3 – O trabalho dos vendedores. Pesquisa de campo, 2015.

O trabalho de vendas encerra o ciclo produtivo que, embora informal e clandestino, garante a sobrevivência de trabalhadores sem alternativas de emprego e renda. Por outro lado, para uns poucos que detêm os bens de capital e o controle dos processos produtivos, o negócio das “saídas de banho” representou emancipação econômica e maiores níveis no seu padrão de consumo. No entanto, ainda que a natureza subterrânea do negócio seja o que determina a viabilidade da atividade, isso também se constitui numa ameaça para os lucros extraídos do trabalho, na medida em que os circuitos comerciais do capitalismo não prescindem dos requisitos mínimos de legalidade aos quais concorrentes diretos e indiretos estão submetidos. A intensificação dos fluxos comerciais e a tendência à burocratização das sociedades modernas convergem para inibir os negócios pequenos e informais que estão à margem da lógica predominante.

4.Considerações finais

O arranjo informal produtivo estabelecido no município investigado apresenta características comuns a tantos outros localizados em municípios interioranos do Brasil, cuja geração de emprego e renda não pode contar com as formas tradicionais de investimento capitalista, pautadas no emprego criado por grandes corporações que visam atingir mercados maiores e mais complexos. Por outro lado, o modelo de desenvolvimento econômico concentrado prevalecente no país não se revela apenas ao abismo existente entre o topo e a base da pirâmide social, mas estende-se às diferenças regionais. Sendo assim, poucas

alternativas restam para a promoção do desenvolvimento local sem agentes econômicos vinculados aos mercados nacionais.

Neste sentido, as iniciativas observadas na constituição de um mercado informal de produção de roupas num pequeno município do interior nordestino ressaltam o potencial de forças produtivas presente em espaços geoeconômicos excluídos, além da disposição de indivíduos que lutam para sobreviver, ascender ou reproduzir-se socialmente. Sobretudo em relação às classes sociais mais baixas, sobressai-se o fato de que elas, num contexto de adversidade e de pobreza, preferem o trabalho a tornar-se parte do lumpemproletariado, ainda que sob condições de precariedade e de exploração.

Em outra direção, o ciclo de produção em um mercado informal demonstra como a exploração do trabalho concentra riquezas e conserva desigualdades, mesmo numa ambiência cultural de mais proximidade entre as pessoas, na qual a lógica da solidariedade poderia se infiltrar por dentro da racionalidade do lucro e do individualismo. Em vez disso, os resultados da pesquisa reafirmam a realidade de exploração a que estão submetidas as jovens trabalhadoras costureiras, cujo trabalho fornece a mais valia suficiente para sustentar um a reprodução de uma ordem social concentradora maior.

Todavia, a hegemonia da lógica capitalista pode ser substituída por modelos associativistas e comunitários de produção, alternativas complexas, mas viáveis para a geração de emprego e renda, já que, como evidenciou o estudo aqui relatado, o potencial para a criação de riquezas existe, devendo as mesmas serem canalizadas de modo justo para quem as produz.

Referências

Bourdieu, Pierre (2010). *O Poder simbólico*. 13ª.Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Freund, Julien (1987). *Sociologia de Max Weber*. Rio de Janeiro: Forence Universitária.

Oliveira, M.G.M; Quintaneiro, T. Karl Marx. In: Quintaneiro, T. et al (Orgs.) (2002). *Um toque de clássicos*. 2ª.Ed. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG.

Santos, Boaventura de Sousa (2008). *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 12ª.Ed. São Paulo: Cortez Editora.

Steiner, Philippe (2006). *A Sociologia econômica*. São Paulo: Atlas.

Thompson, E.P (2010). *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras.

Weber, Max (1994). *Economia e Sociedade: fundamentos da Sociologia compreensiva*. Brasília: Editora UnB.

ⁱ Massa desintegrada, que reunia indivíduos arruinados e aventureiros egressos da burguesia, vagabundos, soldados desmobilizados, batedores de carteira, mendigos etc,

ⁱⁱ Os nomes das pessoas são fictícios em razão da clandestinidade da atividade.

ⁱⁱⁱ O salário mínimo no Brasil em 2015 é de R\$ 788,00 (setecentos e oitenta e oito Reais), em torno de 200 dólares americanos.